

GILBERTO FREYRE E CAIO PRADO JÚNIOR:

UMA ANÁLISE COMPARATIVA CENTRADA NO CONTEXTO DE PRODUÇÃO E NAS REFERÊNCIAS TEÓRICAS DOS AUTORES

LUIS CLAUDIO PALERMO¹

INTRODUÇÃO

O livro do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre intitulado *Casa-grande & senzala*, publicado em 1933, é considerado por muitos historiadores como o marco inicial da historiografia sobre a escravidão no Brasil (QUEIRÓZ, 1998; SLENES, 1999; VAINFAS, 1999), uma vez que o autor propôs pensar a formação do seu país situando a escravidão como um ponto fundamental. Nesse sentido, ele centralizou a escravidão como eixo preponderante para a compreensão da História do Brasil (SCHWARTZ, 2001, p. 111).

É importante realçar também que a tese do sociólogo em questão rompeu com o pensamento de intelectuais como Paulo

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais/PPCIS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ com bolsa de estudos da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro/FAPERJ. E-mail: luisclaudio72@gmail.com

Prado, Oliveira Vianna e Nina Rodrigues, que consideravam o “branqueamento” da sociedade como a solução para os males brasileiros de sua época (SILVA, 2000; SCHWARCZ, 1993). Freyre defendeu que a miscigenação foi um fenômeno histórico pertencente e, sobretudo, positivo para formação da sociedade brasileira, cuja trama social estava pautada na relação de antagonismos em equilíbrio (ARAÚJO, 1994).

Na década seguinte ao lançamento do livro supracitado, Caio Prado Júnior publicou, em 1942, *Formação do Brasil Contemporâneo*, trabalho no qual desenvolveu uma tese acerca da formação do Brasil que é bastante diferente da linha de pensamento freyreana. Sua perspectiva e suas conclusões são diferentes porque o historiador paulista apresentou a formação do Brasil como consequência da dinâmica da expansão do capitalismo mercantil do mundo Moderno originário na Europa, que foi incorporando áreas de exploração, como o Brasil, por exemplo. Por essa perspectiva, o país teria entrado nesse circuito mercantil como desdobramento dos objetivos capitalistas de exploração e obtenção de lucro por parte dos portugueses. Vale acrescentar que o ângulo macroeconômico adotado tem implicações importantes no tocante às conclusões do autor acerca das relações sociais desenvolvidas no Brasil e, por conseguinte, no que se refere às relações de poder que se estabeleceram nesse território.

Diante do que foi exposto introdutoriamente, este artigo estabelece uma comparação entre as referidas obras de Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, tendo como eixo de referência o cotejamento de componentes teóricos e metodológicos que coordenaram as análises dos autores mencionados. O objetivo, em sentido geral, é analisar em que medida tais referenciais se revelam nos trabalhos dos eminentes autores, mostrando suas potencialidades e limites epistemológicos. Além disso, visa identificar algumas das principais contribuições dessas matrizes para o estudo da historiografia brasileira, não se furtando em tecer apontamentos críticos a elas. Intenta, em acréscimo, estimular e contribuir para que os pesquisadores que estão adentrando o campo de estudo da historiografia ganhem subsídios

no sentido de pensar a ligação fundamental desse campo com o aprimoramento teórico e metodológico do fazer História, pois, segundo Wehling (2006, p. 178), “a metodologia e a epistemologia ou fundamento teórico de uma ciência não podem prescindir do conhecimento de sua evolução”.

Vale registrar que, em função proposta delineada acima, o trabalho apresentado encontra-se seccionado em três partes, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção, após a introdução, expõe o contexto de produção dos dois autores e procura fazer uma relação, ainda que inicial, entre as obras comparadas aqui neste artigo e as referências analíticas que se produziam à época, trazendo à luz um pouco da importância intelectual e política dos autores para aquela época; em seguida, analisa a conexão entre os textos dos referidos autores e o aporte teórico e convicções político-ideológicas que os orientaram, procurando invocar, a partir de seus textos, novas questões interpretativas que posam contribuir para o aprimoramento do fazer história e, quiçá, para o debate historiográfico relativo ao tema da escravidão no Brasil; na última seção, antes das considerações finais, são apontadas algumas contribuições importantes e, principalmente, algumas críticas às obras em alusão. Em suma, pretende-se, com tais discussões, “considerar a história da historiografia como ‘laboratório’, aliás muito útil, do aperfeiçoamento da cientificidade da história” (WEHLING, 2006, p. 187).

A IMPORTÂNCIA DOS AUTORES EM SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO

Os livros de Gilberto Freyre e o de Caio Prado Júnior apresentados anteriormente, bem como as respectivas obras desses autores, marcaram posição importante no contexto de produção intelectual dos anos 1930 e 1940. Tendo em vista a produção brasileira da época, cabe destacar que, em alguma medida, ambos os livros foram inovadores e pioneiros. Além disso, há que se registrar a referência e a relevância desses autores nos debates sobre a História do Brasil que perpassaram o século XX,

marcando presença ainda no presente. Vale expor, portanto, alguns pontos que mostram porque tais obras foram e são tão importantes para a historiografia brasileira.

Casa-grande & senzala é considerada uma obra inovadora no tocante aos estudos sobre a compreensão da formação do Brasil, notadamente em razão da posição que firmou em relação à sua época. O livro contribuiu para o debate que marcou a historiografia brasileira acerca da escravidão e, por conseguinte, a abordagem concernente ao papel da cultura africana na nossa formação, em compasso com as transformações ocorridas também no plano político, intelectual e cultural do cenário brasileiro (NICOLAZZI, 2008, p. 35-115).

Partindo da escravidão como ponto basilar para a compreensão da História do Brasil, Freyre desenvolveu uma interpretação de nosso passado lastreada por uma visão que foi bastante influenciada pelos instrumentos teórico-metodológicos da Antropologia Cultural (SCHWARTZ, 2001, p. 111), promovendo um tipo de “antropologização da história” (PALLARES-BURKE, 2001, p. 34), na medida em que operou com uma abordagem sincrônica de seu objeto de estudo. Além disso, o autor se insurgiu contra uma “longa tradição de história política, jurídica e institucional estudada até então com uma abordagem estritamente diacrônica” (PALLARES-BURKE, 2001, p. 33).

Os fatores teórico-metodológicos apontados, é importante registrar, contribuíram para que o sociólogo pernambucano centrasse seu olhar nas relações entre grupos sociais que foram estabelecidas no Brasil Colônia. Assim, o autor enfocou, no livro *Casa-grande & senzala*, primordialmente na relação entre senhores e escravos na casa-grande, pois a “história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro” (FREYRE, 2006, p. 44). “O resultado [que pode ser auferido do conjunto de sua obra] é a visão total de uma dada sociedade, focalizada, em geral, naquilo que é mais passível de se observar, isto é, a vida do cotidiano” (PALLARES-BURKE, 2001, p. 32-33).

A mudança operada com o livro de Freyre não se refere apenas ao conteúdo ou ao plano teórico-metodológico. Deve ser considerada, em acréscimo, a posição que ele marcou nas discussões sobre a forma de escrita e de apresentação de suas ideias. No contexto de seu lançamento, o livro era considerado ora obra estética moderna, ora escrita rústica ou ainda ora ciências sociais, ora um tipo de arte literária. Havia também os que o consideravam tanto ciência como arte ao mesmo tempo (NICOLAZZI, 2008, p. 65), o que mostra a força do autor no campo intelectual e cultural do seu país, nos anos 1930.

Ao pesquisar sobre as mais variadas interpretações do livro e também ao analisar os prefácios que Freyre escreveu, Nicolazzi (2008, p. 114-115, grifos do autor) afirma que a obra em apreço “se redefine, então, não mais apenas como investigação disciplinar ou como outra interpretação do real, mas, acima de tudo, como *prática de escrita*”. Dessa forma, “é notável a maneira como Gilberto articulou sua manutenção lá de *Casa-grande & senzala* no meio intelectual, utilizando como recurso os próprios méritos literários de sua prosa”.

Portanto, além do aporte antropológico que foi incorporado por Freyre, sua preferência pelas “totalidades”, seu “descaso pela cronologia” e seu gosto “pela descrição (ao invés de pela sequência e narração)” (PALLARES-BURKE, 2001, p. 33), convém acrescentar e também destacar seu estilo literário e poético, sua escrita “viva”, além de sua forma de expressão menos pautada pelo estilo intelectualista (NICOLAZZI, 2008, p. 35-43).

Cumprir destacar outro elemento inovador que pode ser observado no livro clássico em evidência. Trata-se da utilização de fontes históricas de diversas tipologias, como, por exemplo: relatos de cronistas que viajaram ao Brasil; cantigas de época; livros e cadernos manuscritos de receitas de bolo; receitas encontradas em jornais; livros de etiqueta; romances brasileiros (Machado de Assis, Joaquim Manuel de Macedo etc.); iconografia (conforme Debret e Rugendas); retratos a óleo; entre outros tipos. Tal ecletismo fez com que Fernando Henrique Cardoso, um

dos principais rivais de Freyre no campo intelectual, afirmasse que

lhloje ninguém mais se espanta com a sociologia da vida privada. Há até histórias famosas sobre a vida cotidiana. Mas nos anos 30 (referindo-se à obra de Freyre), *descrever a cozinha, os gostos alimentares, mesmo a arquitetura e, sobretudo, a vida sexual, era inusitado*. (CAR-DOSO, 2006, p. 21, grifos meus)

Além do estilo inovador de Freyre no uso de diversas fontes, o historiador Peter Burke destaca também a versatilidade do sociólogo pernambucano, ao identificar que

lulma das características mais marcantes e originais da obra de Gilberto Freyre como historiador social era a sua preocupação com o que – seguindo o exemplo dos arqueólogos e dos antropólogos – viemos a denominar ‘cultura material’, ou, mais precisamente, a história da alimentação, do vestuário e das casas e de suas mobílias. (BURKE, 2001, p. 55)

Dentre os principais resultados alcançados por *Casa-grande & senzala* nos planos intelectual, acadêmico e político, podem ser destacados três pontos que são fundamentais. Em primeiro lugar, o livro enfrentou as teses racistas que estavam impregnadas no pensamento de alguns dos intelectuais brasileiros da época e, dessa forma, “não caiu na armadilha do determinismo racial” (SCHWARTZ, 2001, p. 104). Com isso, a tese contida no texto em apreço defende ter sido o sistema escravista o grande problema do Brasil, não o escravo. Com seu amadurecimento intelectual, Freyre passou a defender que era falsa a premissa científica que considerava que os povos africanos eram inferiores aos europeus. Nessa linha de raciocínio, Elide Bastos expõe que as interpretações mais visadas pelo autor pernambucano em análise eram as de Oliveira Viana e Paulo Prado, visto que tais autores assumiam uma posição que salientava e ratificava o racismo científico (SCHWARTZ, 1993). Bastos define a atmosfera do período e a importância da obra freyreana.

Para a maioria dos autores, este lo povo brasileiro, define-se pela tristeza, preguiça, luxúria, herança das *raças inferiores*. A tese freiriana (sic) desenha-se com precisão: os traços de fraqueza física, a

debilidade, a aparente preguiça têm origem social e cultural e não racial; explicam-se pela subnutrição e pela doença. (Freyre) Enfrenta, assim, diretamente as posições do racismo científico, explicação que fundamenta muitas daquelas reflexões [que predominavam no contexto de lançamento da obra freyreana]. (BASTOS, 2001, p. 221, grifos da autora)

Em segundo lugar, ao resistir aos pensamentos racistas que lastreavam parcela importante do pensamento social brasileiro, no início do século XX, Freyre advogou a tese de que a miscigenação, em vez de ser um mal para a sociedade brasileira, foi importante fator na formação da identidade nacional. Dessa forma, Evaldo Cabral de Mello sustenta que

[...] a rejeição do anátema a que a mestiçagem havia sido submetida no Brasil pré-1930 representa o grade aporte gilbertiano (Sic) à cultura brasileira do século que termina [o século XXI]. *Ninguém mais do que ele para transformar a miscigenação de passivo em ativo, de objeto de elucubrações pessimistas em motivo de otimismo nacional, esvaziando o debate herdado do fim do Império e da República Velha sobre as suas consequências inapelavelmente negativas para o futuro do país.* (MELLO, 2001, p. 24, grifos meus)

Como consequência dos dois pontos elencados anteriormente, cumpre realçar que Gilberto Freyre valorizou a cultura africana, assim como o papel do negro e do mulato na sociedade brasileira e na formação do Brasil (NICOLAZZI, 2008, p. 86). De acordo com Ronaldo Vainfas, ele promoveu significativa inflexão com relação à produção intelectual do período. Uma das questões destacadas por Vainfas refere-se ao fato de o autor, no livro *Casa-grande e senzala*, ter ultrapassado o “conceito de ‘raça’ até então em voga, ainda que não o tenha negado de todo, e adotou o de cultura” (VAINFAS, 1999, p. 6). Dessa maneira, o sociólogo pernambucano conseguiu “entrelaçar o fenômeno da miscigenação étnica e da mescla cultural” (VAINFAS, 1999, p. 6).

Ricardo Benzaquen de Araújo e Alberto da Costa e Silva são mais enfáticos em relação à valorização da cultura africana por Freyre, especialmente em se considerando o contexto de sua época. Araújo argumenta que o clássico autor pernambucano conseguiu fazer a distinção entre o conceito de raça e de cultura e, por isso, encarou “*positivamente* as contribuições oferecidas

pelas diversas culturas negras para a formação da nossa nacionalidade” (ARAÚJO, 1994, p. 30, grifo do autor). Alberto da Costa e Silva afirma que Freyre “pôs o negro no centro do cenário, retirando-o da posição ancilar em que o tinham [colocadol] Capistrano de Abreu e Manuel Bonfim” (SILVA, 2000, p. 26).

Tendo em vista os três fatores arrolados acima, vale destacar que a historiadora Sueli Robles Reis de Queiróz compreende que o livro *Casa-grande & senzala* pode ser apontado como primeiro momento da historiografia acerca da escravidão brasileira. Isso porque o principal feito de Freyre, nessa obra, foi romper com as ideias sobre a inferioridade das culturas africanas, sobrelevando suas raízes e, por conseguinte, sua importância na formação do Brasil. Pode-se justificar a posição da autora sobre a importância do sociólogo pernambucano na historiografia a partir do trecho a seguir, no qual Queiróz argumenta que Freyre foi um

Irrevolucionário quanto ao método – antropológico-cultural –, quanto à originalidade da pesquisa dos fatos e à força de interpretação dos mesmos, [*Casa-grande & senzala*] provocou a mudança de curso das ideias pseudo-científicas sobre a inferioridade da raça negra, ao destacar de modo incisivo as raízes africanas e a importância destas na cultura brasileira. (QUEIRÓZ, 1998, p. 104)

A outra obra em questão, *Formação do Brasil Contemporâneo*, notabilizou-se por representar o ponto mais importante da produção de Prado Júnior (LAPA, 2001, p. 259) e por ser “um dos livros mais influentes da historiografia brasileira do século XX” (IUMATTI, 2007, p. 24). Dessa forma, “[a] obra teve grande impacto em diversas áreas das ciências humanas na recém-criada estrutura de ensino e pesquisa universitários, confrontada, constantemente, com a bibliografia internacional por gerações de estudiosos das décadas de 1940 a 1980” (IUMATTI, 2007, p. 24).

Sobre o referido livro de Prado Júnior, José Lapa chama a atenção para o fato de que o historiador paulista, de certa forma, ignorou a produção acadêmica brasileira que lhe foi contemporânea, uma vez que somente fez incorporações de citações ao livro *Casa-grande & senzala* (PRADO JÚNIOR, 1977, p. 278) nas reedições de *Formação do Brasil Contemporâneo* (LAPA, 2001, p.

261). Nesse aspecto, Lapa tem razão, uma vez que no mencionado livro não há ao menos uma referência direta, por exemplo, à célebre obra de Sérgio Buarque de Holanda intitulada *Raízes do Brasil*. Ora, não se deve negar que Holanda figura, junto com Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior, entre os principais autores da historiografia brasileira dos anos 1930 e 1940 (RÊGO, 1998; MELLO, 2001; NICOLAZZI, 2008).

Por outro lado, em relação ao contexto global que revestiu a produção acadêmica de Prado Júnior, é importante ressaltar que, embora operasse com conceitos de nação, raça, organismo e evolução, tão presentes nas referências intelectuais do século XIX, o livro do historiador paulista em apreço estava em consonância com alguns dos princípios teórico-metodológicos utilizados nos grandes centros de pesquisa daquele momento histórico. Logo, *Formação do Brasil Contemporâneo*

[...] se encontrava *solidamente enraizado nos debates teóricos e historiográficos do século XX, no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa*, e incorporava, nem sempre de forma completa, questionamentos vindos das mais diversas áreas do conhecimento. (IUMATTI, 2007, p. 18, grifos meus)

Em razão disso, esse livro de Prado Júnior é considerado um grande marco na historiografia por adotar uma posição marxista muito singular para o período (LAPA, 2001, p. 259; VAINFAS, 1999, p. 6), abrindo caminho para uma linha de pensamento que acabou tendo influência na posterior produção da Escola Paulista de Sociologia (VAINFAS, 1999, p. 9), pois na produção intelectual dos integrantes dessa escola havia, pelo menos, preocupações similares às de Prado Júnior (QUEIRÓZ, 1998).

Situando a posição e a importância de *Formação do Brasil Contemporâneo*, José Lapa descreve que a obra “parece superar as obras dos demais autores que também se utilizaram do marxismo para tentar decifrar a realidade brasileira, sempre com o objetivo de mudá-la”. (LAPA, 2001, p. 259). Ampliando em muito a zona de influência desse clássico livro no pensamento social brasileiro das primeiras décadas do século XX, Iumatti sustenta que

[...] em um contexto de estruturação da vida acadêmica, ascensão da pesquisa sociológica marxista e aparecimento de grandes interpretações sobre as possibilidades e os limites que se apresentavam à libertação econômica e social do país, aquela obra [*Formação do Brasil Contemporâneo*], pela forma como abordou esses temas, *foi uma das principais e por vezes a principal referência a partir da qual intelectuais como Celso Furtado, Manuel Correia de Andrade, Florestan Fernandes, Fernando Henrique Cardoso, Octávio Ianni e Fernando Novais forjaram novas interpretações sobre as causas de nosso subdesenvolvimento*, a natureza e o significado da escravidão e do sistema colonial, as desigualdades regionais e seu acirramento e as chances de superação da posição subalterna do país no sistema capitalista internacional. (IUMATTI, 2007, p. 25-26, grifos meus)

Portanto, a força da obra de Prado Júnior, especialmente a do livro em alusão, pode ser creditada, dentre outros fatores, à consistente fundamentação teórica do autor e à sua dedicação à pesquisa documental e bibliográfica. Convém acrescentar que o historiador paulista, no livro clássico que está em abordagem, utiliza-se “largamente de fontes primárias, bem como da literatura de cronistas, tratadistas e viajantes que escreveram sobre a colônia” (LAPA, 2001, p. 260).

Esses traços devem ser conjugados com dois outros de grande relevância. Em primeiro lugar, cumpre realçar em Prado Júnior sua “vocação para o concreto”, isto é, lelel articulava categorias abstratas com descrições detalhadas sobre as condições sociais concretas de organização do Brasil” (RÊGO, 1998, p. 80), o que, em muitos casos, era fruto de suas viagens por seu país (LAPA, 2001, p. 260). Em adição, pode-se evidenciar a capacidade do autor em incorporar outras áreas de conhecimento à sua construção analítica, denotando o caráter interdisciplinar de seu espírito que, por conseguinte, reverberou em sua obra. Nesse sentido, ele dialogou com áreas como a Geografia, a Antropologia, a Sociologia, a Geopolítica e a Etnologia (IUMATTI, 2007, p. 31-47; LAPA, 2001, p. 259).

Dentre os principais resultados da obra de Prado Júnior, da qual *Formação do Brasil Contemporâneo* pode ser estimada como crucial, podem ser destacados dois pontos-chave. O primeiro, bastante encarnado no mencionado livro, remete à identificação e à caracterização da marca deixada pela experiência colonial

brasileira que foi determinante para reproduzir um ciclo de dominação externa e de controle de nossas riquezas e economia, gerando, por conseguinte, a exclusão social. Na formação desse modelo colonial, o Brasil funcionou como grande empreendimento que foi estruturado na escravidão africana e na exploração tanto de seus recursos naturais como de sua população. Tudo isso foi usado em benefício da metrópole portuguesa (SCHWARTZ, 2001, p. 103). Em função disso, vale destacar que a “Vida material” é a parte do citado livro que tem maior destaque e primazia (LAPA, 2001, p. 260).

O segundo ponto está ligado à experiência perversa de nosso desenvolvimento econômico que, mesmo em contextos de renovação e diversificação de forças produtivas, acabou resultando na reiteração de “traços coloniais”. Nessa linha de raciocínio, o Brasil não foi capaz de romper com o predomínio da influência do capital externo e não conseguiu produzir um mercado consumidor expandido e forte (RÊGO, 1998), mesmo em períodos em que sua economia conseguia certo nível de desenvolvimento.

Portanto, construída a partir da dialética marxista e tendo como fundamento a história econômica (LAPA, 2001, p. 259), o livro de Prado Júnior propõe uma interpretação da História do Brasil que mostra o quanto a exploração do viés econômico feito predominantemente de fora para dentro produziu uma sociedade excludente, sem operar processos de ruptura significativos com as formas de dominação sociais e econômicas básicas. Por isso, “percorrendo a reflexão caiopradiana, pode-se observar que uma das principais características de nosso percurso econômico, político e social se configurou como uma “instituição de permanências” (RÊGO, 1998, p. 83, aspas do autor). Essa não ruptura por completo com as amarras coloniais fez com que o clássico historiador paulista identificasse que o Brasil vivia, em sua época, um processo de “modernização conservadora” (RÊGO, 1998, p. 86), ainda que se levassem em conta os processos de impulsos modernizadores da sociedade brasileira.

Nesse sentido, o quadro teórico a partir do qual Prado Júnior ancora sua análise e reflexão, notadamente no livro em alusão,

estrutura-se na valorização de “uma visão de conjunto da história e sociedade brasileira” (RÊGO, 1998, p. 80), uma vez que ele relacionava os males do país à herança colonial que, em alguma medida, não havia sido superada em seu tempo. Esse quadro era consequência da posição política do autor, haja vista que ele tinha preocupação nuclear com a ampliação da cidadania no seu tempo (IUMATTI, 2007, p. 116), o que, ao cabo, suscitou em seu espírito uma visão de conjunto que, dessa forma, identificava os males do país no início da formação do Brasil. Por isso, ele pensava efetivamente na superação da herança colonial do país. Vale destacar que a “dimensão que mais impressiona na análise caiopradiana é a presença de uma espécie de sentimento dos problemas nucleares da experiência brasileira” (RÊGO, 1998, p. 80). Em outros termos, o trabalho clássico do historiador paulista

lvialia-se, na empreitada destinada a deslindar a especificidade da colonização do Brasil e seu significado para o presente, tanto da leitura minuciosa das fontes quanto de um enfoque sintético, estrutural e comparativo, alimentado pelo marxismo, pela sociologia e pela leitura de livros de história e geografia de outros países. (IUMATTI, 2007, p. 42)

O conjunto da obra de Prado Júnior, em razão do que foi exposto, oferece elementos importantes tanto para compreender a formação do Brasil, como também para pensar a situação atual do país, notadamente no que tange a algumas questões relacionadas ao modelo de desenvolvimento brasileiro. Dessa forma, questões como a transição agrária para a modernidade capitalista, o significado histórico e atual da propriedade fundiária, bem como “o recorrente caráter socialmente não integrador e excludente da maioria da população brasileira em relação aos padrões modernos de convivência substantivamente democrática e cidadã” (RÊGO, 1998, p. 80-81), podem ser consideradas, ao mesmo tempo, como questões fundadoras da historiografia brasileira e que ainda têm influência nos questionamentos de pesquisadores e intelectuais.

A IMBRICAÇÃO ENTRE A REFERÊNCIA TEÓRICA DE CADA AUTOR, O SEU PAPEL POLÍTICO-IDEOLÓGICO E INTELECTUAL DIANTE DO SEU CONTEXTO DE PRODUÇÃO E A TESE CONTIDA EM SEUS LIVROS.

A produção intelectual e textual de um pesquisador é coordenada por suas referências teóricas e por seus diálogos com a produção intelectual com a qual tem contato. A leitura de um texto é dotada de maior sentido na medida em que se visa compreender qual é a referência teórica do autor e qual é o debate no qual seu texto se insere, ou seja, qual é a posição que o pesquisador deseja marcar com o seu texto.

Keith Jenkins, nessa linha de análise, afirma que os historiadores, quando vão produzir algum trabalho, levam consigo elementos importantes para a consecução de seus objetivos. Vale destaque para alguns desses elementos sublinhados pelo autor em voga: a) os historiadores levam consigo seus valores e perspectivas ideológicas; b) carregam também seus pressupostos epistemológicos, ainda que nem sempre o façam conscientemente; c) empregam vocabulários próprios de seu ofício; d) eles vão e vêm entre obras publicadas de outros historiadores. (JENKINS, 2001, p. 45-46)

Em face do que foi teoricamente exposto acima, cumpre destacar, inicialmente, que as principais influências intelectuais de Gilberto Freyre eram provenientes da Antropologia Cultural de Franz Boas, bem como de outros autores como, por exemplo, Simmel, além de autores espanhóis como Ortega y Gasset, Unamuno, Ganivet e Pio Baroja (BASTOS, 2001), isso sem “perder de vista o diálogo permanente com a tradição brasileira, seja no plano da literatura, seja no campo do *discours savants*”. (NICOLAZZI, 2008, p. 90, grifos do autor) Em função de suas influências intelectuais, especialmente as derivadas da Antropologia Cultural, convém colocar novamente em evidência que

la) originalidade metodológica de Gilberto residiu em aplicar ao estudo de uma sociedade histórica, a brasileira, a perspectiva sincrônica da nova Antropologia. Dai, entre outras características, o seu gosto pelas

totalidades em detrimento das sequências e da descrição em prejuízo da narração. (MELLO, 2001, p. 21)

Caio Prado Júnior utilizou-se, conforme apontado, do referencial marxista para a análise da formação do Brasil com enfoque estrutural dessa formação, tendo a economia como principal pilar do sentido da colonização. Dessa forma,

...o enfoque adotado por Caio Prado Jr. em *Formação do Brasil Contemporâneo* tem a ver com um percurso em que se destacam as viagens, as reflexões desenvolvidas em diálogo com a produção científica internacional, a crítica documental e o olhar voltado aos problemas do presente. Mas vinculava-se, também, em outro plano, à sua formação pessoal e ao momento vivido, marcado pela prisão recente e a experiência do exílio. (IUMATTI, 2007, p. 47)

Iniciando o exame dos dois livros em questão no artigo, é interessante, primeiramente, fazer observações acerca do título e do sumário das obras selecionadas, porque tais elementos se constituem em signos preliminares importantes para a compreensão das referidas obras. Assim, tanto o título como o sumário dos livros em análise já sugerem, para um observador atento, as preocupações intelectuais dos autores que acima foram destacadas.

O título *Casa-grande & senzala* sugere que o autor está preocupado em expor uma tese focada nas relações sociológicas e antropológicas entre senhores (casa-grande) e escravos (senzala), que representam importantes bases para a compreensão do Brasil Colônia e Império. Logo, ao se analisar o título, pode-se inferir que a ênfase do que será desenvolvido no texto está calcada nuclearmente na relação entre grupos sociais integrantes da casa-grande e da senzala. O sumário do livro, ao ser dividido por capítulos que visam analisar cada grupo étnico (os africanos, os índios e o português), reforça ainda mais a intenção do autor em elucidar não somente as relações entre os grupos como também as contribuições de cada um deles para a formação da sociedade brasileira.

Em *Formação do Brasil Contemporâneo*, percebe-se o intento do pesquisador em sugerir, preliminarmente, que seu trabalho

está focado na perspectiva macroestrutural, orientada pela longa duração, haja vista que tanto o tamanho territorial do Brasil como o período indicado pelo autor são extensos. O sumário, cuja divisão de capítulos é iniciada e capitaneada por “O sentido da colonização” e seguida por “Povoamento”, “Vida material” e “vida social”, mostra a intenção do historiador paulista em analisar a formação do Brasil sob a perspectiva da montagem de um sistema colonial, inscrevendo sua reflexão na dinâmica das relações de exploração mercantis, bem como ressaltando, por conseguinte, aspectos estruturais da formação do Brasil, como, por exemplo, a economia (Vida material), e, como corolário, a sociedade (Vida social).

Assim sendo, torna-se importante examinar o campo de observação escolhido pelos autores, algo que já foi pontuado, em certa medida, ao se propor a análise preliminar do título e do sumário das obras. Essa análise teórica mais aprofundada será feita a partir de trechos contidos nos livros em apreço.

No caso de Gilberto Freyre, é importante atentar para o trecho que ele afirma que a

[...] casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção, [...], de transporte, [...], de religião, [...], de vida sexual e de família, [...], de higiene do corpo e da casa, [...], de política, [...]. (FREYRE, 2006, p. 36)

O autor, nessa assertiva, revela e justifica sua escolha teórico-metodológica, calcada no campo de observação que seleciona para compreender a sociedade brasileira, ou seja, a relação entre a casa-grande e a senzala. É essa relação que “representa todo um sistema” (FREYRE, 2006, p. 36), ou toda uma sociedade, mostrando o gosto de Freyre “pelas totalidades”. (PALLARES-BURKE, 2001, p. 33)

Em termos comparativos, é interessante destacar, no que se refere ao campo de observação, uma afirmação da obra de Caio Prado Júnior que é paradigmática.

No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial

[...], mais completa que a antiga feitoria, mas sempre com o mesmo caráter que ela, destinada a explorar os recursos naturais de um território virgem em proveito do comércio europeu. É este o verdadeiro sentido da colonização tropical, *de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos*. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 31, grifos meus)

O pesquisador em questão explicita o campo de observação que adota para analisar seu objeto de estudo. Sua análise privilegiará, destarte, a perspectiva macroestrutural econômica e a relação de dependência e exploração que se estabeleceu na formação do Brasil Colonial, o que, do ponto de vista adotado por ele, “explicará os elementos fundamentais, tanto no [nível econômico como no social]”. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 31)

No tocante ao aporte teórico utilizado pelos autores, é valioso realçar que a posição do sociólogo pernambucano se coloca da seguinte forma,

[...] dentro da orientação e dos propósitos deste ensaio, interessam-nos menos as diferenças de antropologia física (que ao nosso ver não explicam inferioridades ou superioridades humanas, quando transpostas dos termos de hereditariedade familiar para os de raça) que as de antropologia cultural e de história social africana. (FREYRE, 2006, p. 387, grifos meus)

Nessa passagem, Freyre revela sua escolha teórica, ancorada na apropriação de conceitos da Antropologia Cultural, em detrimento da Antropologia Física, esta última tão cara aos estudos no final do século XIX e início do século XX (SCHWARCZ, 1993). Nesse sentido, ancorado especialmente nas teses de Franz Boas, Gilberto Freyre enfoca e valoriza a compreensão dos seres humanos como resultado do meio cultural ao qual está inserido. O homem, nesse caso, “é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquiridas pelas numerosas gerações que o antecederam”. (LARAIA, 2005, p. 45)

Em relação a Caio Prado Júnior, sua referência teórica pode ser elucidada nos seguintes trechos:

[...] para compreender o Brasil contemporâneo precisamos ir [...] longe, e subindo até lá, o leitor não estará se ocupando apenas com devaneios históricos, mas colhendo dados, e dados indispensáveis para interpretar e compreender o meio que o cerca na atualidade. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 387, grifos meus)

No seu conjunto, e vista no plano mundial e internacional, a colonização dos trópicos toma o aspecto de uma vasta empresa comercial [...]. É este o verdadeiro sentido da colonização tropical, de que o Brasil é uma das resultantes; e ele explicará os elementos fundamentais, tanto no econômico como no social, da formação e evolução históricas dos trópicos americanos. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 31, grifos meus)

Nas passagens grifadas, o autor sugere/apresenta sua escolha teórico-metodológica. Sendo assim, na primeira delas, confirma sua predileção heurística pela longa duração temporal, que, segundo ele, é um mecanismo fundamental para entender a própria sociedade brasileira do início do século XX, que vivia um período de transformações em todas as esferas sociais. Prado Júnior visa tecer uma crítica à nossa sociedade, propondo, com isso, um sentido que não é somente o da colonização, mas que iria orientar também a formação do país que se transformava à época. Logo, ele objetiva dar ênfase não só ao papel do Brasil no empreendimento comercial europeu, mas, também, às contradições internas que se formavam como corolário de um processo de exploração e dependência econômica. Assim, o autor mostra seu intento de perscrutar “a permanência ou a não ruptura radical, na formação social brasileira, com os liames de subordinação e dependência”. (RÊGO, 1998, p. 86)

No segundo excerto selecionado acima, ao afirmar que o Brasil se constitui em uma das resultantes da colonização dos trópicos, emerge a matriz teórica de Prado Júnior: a linha marxista. Ela exerce influência no interesse do autor em perseguir e perscrutar as relações de poder, sobretudo no tocante à dependência e à submissão material e econômica da Colônia que era realizada pela Metrópole. (SCHWARTZ, 2001, p. 104-105)

Avançando no sentido de compreender como a produção dos autores também é tributária de seu referencial teórico², bem como de sua posição política e intelectual em relação à produção do contexto no qual se insere (JENKINS, 2001, p. 45-46), faz-se necessário, a partir deste ponto, analisar extratos dos textos clássicos que apresentam tais dados.

Em *Casa-grande & senzala*, por exemplo, o sociólogo pernambucano, por ter escolhido um campo de observação que privilegia a relação entre senhores e escravos, foi capaz de valorizar as contribuições dos africanos na sociedade brasileira, conferindo-lhes, em alguma medida, um estatuto de sujeitos da História, estabelecendo um confronto com as teses racistas da época. De acordo com Freyre,

lols pretos foram os músicos da época colonial e do tempo do império. Os moleques, meninos e coro nas igrejas. Várias capelas de engenho tiveram coros negros; várias casas-grandes, [...], mantiveram, para deleite dos brancos, bandas de música de escravos africanos. (FREYRE, 2006, p. 505)

Aprofundando a análise acerca da contribuição dos africanos à formação do Brasil e sua participação como sujeitos históricos, Freyre é categórico em afirmar que

lols escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada *foram um elemento ativo, criador, e quase que se pode acrescentar nobre na colonização do Brasil degradados apenas pela sua condição de escravos*. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. (FREYRE, 2006, p. 390, grifos meus)

Os trechos a seguir nos permitem perceber de que maneira a Antropologia Cultural contribuiu para que o autor pudesse elucidar a participação do africano como sujeito histórico na

2 A influência do referencial teórico é trabalhada neste artigo no sentido de dar subsídios para outras análises hermenêuticas, mas não se intenta, aqui, sobrevalorizar esse elemento. Apenas, visa-se destacá-lo como um dos componentes presentes na produção do historiador. Nesse sentido, apesar de ter utilizado anteriormente a referência teórica de Keith Jenkins (2001) para dar suporte a essa linha de raciocínio, afasto-me um pouco desse eminente autor que, na minha interpretação, confere um peso excessivo ao componente em apreço.

formação da sociedade brasileira. Vale destacar, também, que Vainfas (1999, p. 2) afirma que, pelo menos em tese, Freyre admitiu o papel do negro na formação do povo brasileiro. Vejamos passagens do livro do sociólogo pernambucano que fundamentam tal afirmação.

Mães negras e mucamas, aliadas aos meninos, às meninas, às moças brancas das casas-grandes, criaram um português diverso do hirtó e gramatical que os jesuítas tentaram ensinar aos meninos índios e semibrancos, alunos de seus colégios; do português reinol que os padres tiveram o sonho vão de conservar no Brasil. [...] É certo que as diferenças a separarem cada vez mais o português do Brasil do de Portugal não resultaram todas da influência africana; também do indígena. (FREYRE, 2006, p. 415-16, grifos meus)

[Os africanos] deram para barbeiros, dentistas, fabricantes de vassouras de piaçava [...]; as negras [...] doceiras caprichosas na limpeza dos seus tabuleiros [...]. Profissões cujo exercício, com evidentes preocupações de higiene, em parte os redime da mancha infame de carregadores de tigres. (FREYRE, 2006, p. 550, grifos meus).

Caio Prado Júnior, por sua vez, aos se posicionar em um campo de observação diferente, conseguiu enxergar outras relações que derivaram especificamente da expansão mercantilista europeia. Isso lhe possibilitou denunciar os problemas da exploração colonial e os males originários da dependência econômica brasileira. (SLENES, 1999, p. 30; RÉGO, 1998, p. 82) Logo, partindo de uma posição crítica de inspiração marxista, mostrou e discutiu o caráter submisso do Brasil, pois se “vamos à essência da nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes; depois, algodão, e em seguida café, para o comércio europeu. *Nada mais que isto*”. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 31-32, grifos meus)

Ainda no que tange às consequências da expansão mercantil e dos interesses dos colonizadores voltados fundamentalmente para o lucro, a escravidão moderna – na qual o Brasil se insere – nasceu como “um recurso de oportunidade de que lançarão mão os países da Europa a fim de explorar comercialmente vastos territórios e riquezas do Novo Mundo” (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 270-271), formando, no Brasil, uma sociedade que se nutriu do

deletério trabalho servil. Esse modelo de produção acabou por situar as classes sociais antagônicas, segundo essa perspectiva, em lugares muito nítidos. Como desdobramento, Prado Júnior pontuou e denunciou, ainda, o preconceito de raça no Brasil. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 273-274)

APONTAMENTOS DE ALGUNS LIMITES ATINENTES ÀS OBRAS EM DISCUSSÃO

Convém destacar, por outro lado, que tanto o referencial teórico dos autores como também, por derivação, seu campo de observação contribuem para colocar certos limites à interpretação e à tese construída.

Nesse sentido, Gilberto Freyre, por posicionar seu campo de observação bem próximo aos sujeitos e às suas relações, tendo por base as orientações teóricas da Antropologia Cultural, conseguiu visualizar uma sociedade na qual as interações entre senhores e escravos foram mais evidenciadas do que se podia imaginar na época, pelo menos a princípio. Entretanto, esse campo de observação, conjugado com sua posição política (e ideológica) conservadora (VAINFAS, 1999, p. 6) cooperaram para que o referido autor valorizasse mais as aproximações entre senhores e escravos do que as dissensões, apesar das passagens em que Freyre descreve castigos contra os negros escravos. Logo, não obstante o mérito do sociólogo pernambucano em ter enxergado que houve relação de aproximação entre senhores e escravos, ele acabou sobrevalorizando esse antagonismo em equilíbrio, deixando de problematizar com maior vigor o caráter subalterno pelo qual os africanos entravam na sociedade brasileira.

Ademais, a despeito de ter sido capaz de visualizar e valorizar as contribuições dos negros na sociedade brasileira, o autor em apreço fixou em demasia seu olhar nas relações estabelecidas na casa-grande. A consequência dessa posição é que ele não enxergou que a casa-grande era o lugar onde os escravos tinham uma vida predominantemente menos dura, não tão desumanamente

sacrificada em comparação aos que eram designados para o trabalho no eito. (SCHWARTZ, 2001, p. 110) Mais uma vez, cumpre observar que tal conclusão não se baseia somente no seu campo de observação teórico, mas há que se incluir também um ingrediente importante que era a posição política conservadora de Freyre.

Outro ponto a ser registrado em relação ao trabalho de Freyre remete à miscibilidade do povo português que teria sido trazida para o Brasil e teria sido a base da formação da nossa sociedade, no tocante à relação entre os portugueses e outros povos. A miscibilidade, nessa perspectiva, estaria relacionada aos antecedentes históricos do português, pois esse povo, em razão de ter tido uma formação mais cosmopolita, teria desenvolvido certas predisposições para lidar com a heterogeneidade étnica e cultural, o que não teria ocorrido com outros colonizadores europeus, como, por exemplo, o colonizador inglês. Essas influências de outros povos e culturas, com as quais o povo português teve contato, produziram um amaciamento de espírito, qualificando-lhes, segundo Freyre, para lidar melhor com os antagonismos. Portanto, por valorizar demasiadamente o que chamou de miscibilidade portuguesa, o referido autor não identificou e problematizou contundentemente o preconceito contra o negro (o racismo) na sociedade brasileira colonial e imperial. Nesse sentido, “É por constatar que os portugueses se sentiram sexualmente atraídos por índias, negras e mulatas que Freyre deduz, equivocadamente, a ausência de preconceito racial entre estes colonizadores”. (VAINFAS, 1999, p. 8)

Caio Prado Júnior, por sua vez, ao se posicionar em um campo de observação diverso de Freyre, privilegiando a dimensão macroestrutural (FONTES, 1997; IUMATTI, 2007, p. 42) e por estar preocupado excessivamente em deslindar a relação de exploração que se engendrou na formação do Brasil Colonial, não se preocupou em pensar e valorizar as contribuições dos africanos na nossa sociedade. Nesse sentido, segundo Stuart Schwartz, a interpretação estruturalista da dependência, à qual Prado Júnior se aproximava, transformou o “comércio atlântico em um tema central (e quase único) da história colonial, deslocando,

assim, o foco e o papel de agente para os políticos e para os líderes da política imperial, distanciando-se dos atores coloniais e dos seus interesses". (SCHWARTZ, 2001, p. 106)

Cumprе salientar, assim como foi feito em relação ao Gilberto Freyre, que a posição político-ideológica revolucionária de Prado Júnior também exerceu, em alguma medida, influência na sua visão relativa à condenação da exploração colonial e dos males originários dessa exploração. (SLENES, 1999, p. 30) Assim sendo, Prado Júnior, ao estar demasiadamente preocupado com a exploração do africano pelo sistema colonial implantado no Brasil, enxergou esses povos como unificados apenas sob a rubrica de cativos, iluminando sobremodo o aspecto da identidade pelo trabalho e negligenciando a identidade e diversidade étnica dos povos escravizados. Vejamos palavras do autor:

O caso do negro é para o historiador mais simples (em relação ao do índio). Uniformizado pela escravidão sem restrições que desde o início de sua afluência lhe foi imposta [...], ele entra nesta qualidade e só nela para a formação da população brasileira. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 106)

O pesquisador em apreço reiterou a escolha de seu campo de observação, deixando à mostra para o leitor a implicação dessa escolha em sua análise, como, por exemplo, na passagem a seguir, em que ele, ao privilegiar a totalidade, despreza a preocupação com as relações entre os sujeitos históricos, olhando-os sob outro campo de visão, tornando-os homogêneos. (SCHWARTZ, 2001, p. 106-107) Nesse sentido, a complexidade dos povos formadores do Brasil e a atuação de cada um deles como sujeitos da História do Brasil são submetidas e ofuscadas pela dinâmica de funcionamento do sistema colonial. O autor até registra que houve diversidade entre os grupos étnicos, mas, na sua perspectiva, ela é eliminada na exata medida em que os grupos desempenham papéis que eram coordenados pela dinâmica sistêmica. Vejamos a análise dele:

O estudo [...] das particularidades étnicas dos povos negros e indígenas do Brasil, e sobretudo a análise das atitudes próprias que cada qual assume na história da formação brasileira, é matéria ampla que não foi ainda tentada de forma sistemática. Fornece por isso ainda muito poucos elementos para a explicação de fatos históricos gerais, e

temos por isso de nos contentar aqui [...] *em tomar as três raças como elementos irreduzíveis, considerar cada qual unicamente na sua totalidade.* (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 85-86, grifos meus)

Portanto, conforme realçado, com o fito de tecer críticas político-ideológicas severas ao modelo de colonização e de chamar a atenção para o caráter maléfico desse fenômeno histórico, bem como por ter privilegiado em demasia seu campo de observação, atendo-se fundamentalmente à perspectiva totalizadora da formação da sociedade brasileira, Prado Júnior acabou sendo pouco cauteloso em termos metodológicos, especialmente no que concerne à análise de relatos de viajantes estrangeiros. Nesse sentido, deixou emergir um dos principais problemas de sua obra: reforçou e confirmou a visão pejorativa do viajante europeu em relação aos indígenas e aos africanos e, por conseguinte, ratificou a reificação dos escravos e assinalou juízos etnocêntricos em relação aos negros e aos índios, conforme apresentado nas passagens a seguir.

Há outra circunstância que vem caracterizar ainda mais desfavoravelmente a escravidão moderna: é o elemento de que se teve de lançar mão para alimentá-la. Foram eles *os indígenas da América e o negro africano, povos de nível cultural ínfimo, comparado ao de seus dominadores.* Aqui ainda, a comparação com o que ocorreu no mundo antigo é ilustrativa. Neste último, a escravidão se forneceu de povos e raças que muitas vezes as equiparam a seus conquistadores, se não os superam. Contribuíram assim para estes com valores culturais de elevado teor. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 271-272, grifos meus)

Na América, pelo contrário, a que assistimos? *Ao recrutamento de povos bárbaros e semibárbaros, arrancados do seu habitat natural e incluídos, sem transição, numa civilização inteiramente estranha.* E aí que os esperava? *A escravidão no seu pior caráter, o homem reduzido à mais simples expressão. [...] Nada mais se queria dele, e nada mais se pediu e obteve que a sua força bruta, material. Esforço muscular primário, sob a direção e açoitado do feitor.* (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 272, grifos meus)

As raças escravizadas e assim incluídas na sociedade colonial, mal preparadas e adaptadas, vão formar nela um corpo estranho e incomodo. O processo de sua absorção se prolongará até nossos dias, e está longe de terminada. (PRADO JÚNIOR, 1942, p. 276, grifos meus)

A partir da leitura de Paulo Iumatti (2007), pode-se acrescentar que o etnocentrismo identificado no livro de Prado Júnior é

resultado também, num determinado sentido, do contato que o historiador paulista teve com outros autores brasileiros e da influência intelectual que tais autores tiveram sobre ele, uma vez que “a sensibilidade do jovem Caio Prado Jr. estava moldada por um eurocentrismo entranhado, visceral”. (IUMATTI, 2007, p. 58)

O que se pode depreender da análise dos textos extraídos das obras de Freyre e de Prado Júnior, conforme acima apresentado e discutido, é que tanto a opção teórica de cada um quanto suas posturas político-ideológicas exerceram, em alguma medida, implicações no panorama histórico e sociológico que compuseram e enxergaram. (JENKINS, 2001, p. 45-46)

Cumpra esclarecer, ainda, que não houve a intenção, aqui, de mostrar superioridade teórica, nem condenar nenhuma das duas matrizes. Ademais, não se visou ratificar que a escolha teórica e a posição política sejam problemas, em si mesmo, na produção do pesquisador. Intentou-se, sim, conforme discutido nesta seção, descortinar possibilidades, variantes teórico-metodológicas, que devem ser examinadas criticamente, sem que sejam hierarquizadas, pelo menos a priori. Tencionou-se, ainda, mostrar como as perspectivas teóricas e políticas acabam influenciando e, em alguma medida, limitando o campo de visão dos pesquisadores, o que é uma aporia difícil de ser superada, mas deve ser assinalada aqui.

Portanto, objetivou-se mostrar que, mesmo que as perspectivas de Freyre e Prado Júnior sejam diferentes e contraditórias, elas podem contribuir – e o fazem com maestria até hoje – para o enriquecimento do estudo da historiografia da escravidão brasileira e da formação do Brasil. O que se deseja elucidar é que, ao ser analisado da perspectiva dos próprios autores, o embate de perspectiva e a contradição interpretativa entre eles são elementos que não podem ser conciliados ou harmonizados. Entretanto, se mudarmos a escala de observação e visualizarmos o debate historiográfico de fora, como pesquisadores, de acordo com nosso ofício, percebemos que o debate significa não só dissensão, mas também aprimoramento teórico-metodológico. (WEHLING, 2006, p. 177) Podemos, assim, transformar o esse

“passivo” teórico-metodológico específico em um “ativo”. Foi isso que o exercício feito, aqui, tentou identificar e colocar em discussão. Em outros termos, para a História da escravidão no Brasil, a comparação teórica feita neste artigo pode significar divergência de perspectivas, mas, sob a óptica do estudo da Historiografia da escravidão brasileira, tal comparação tende a significar também enriquecimento do aparato teórico-metodológico, caso lidemos de forma perspicaz com as diferentes perspectivas teóricas em questão e estejamos aptos para enxergá-las como um laboratório da epistemologia histórica. (WEHLING, 2006, p. 187)

A lição que fica é que o estudo da historiografia pode promover um constante e seminal aprimoramento do ato de fazer história. (WEHLING, 2006, p. 177) Esse é um legado que comprova a atualidade dos trabalhos de autores clássicos, pois, mesmo que eles tenham sido contestados em determinadas conclusões a que chegaram e ainda que sejam contraditórias suas perspectivas, servem-nos de paradigma para o aprimoramento teórico-metodológico constante; servem-nos como balizas que podem orientar e coordenar os passos de nossa pesquisa. Para tanto, vale reiterar que devemos estar atentos, dispostos e abertos para imergirmos também nas pesquisas no campo da historiografia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da historiografia pode – e deve ser – conforme Arno Wehling, um “laboratório epistemológico” (WEHLING, 2006, p. 187), uma vez que as características mais importantes desse campo de estudo é a possibilidade de aprimoramento teórico e metodológico. Assim sendo:

O sentido da proposta [laboratório epistemológico ou aprimoramento teórico-metodológico] é muito claro: o conhecimento da história de uma ciência, passando por sucessivas metodologias, resultados, dúvidas e certezas, constituir-se-ia em excelente exercício prático para sua construção teórica. (WEHLING, 2006, p. 177, grifos meus)

Para fazer valer tal proposta, há que se analisar e confrontar teorias, metodologias, matrizes explicativas e ideologias, com vistas a conhecer as diversas possibilidades, pois, para se escolher o melhor caminho a seguir numa determinada pesquisa, é fundamental que se conheça as possibilidades teóricas. Além disso, o pesquisador deve estar disposto a pensar nessas potencialidades teóricas, além de estar atento às suas fragilidades.

Foi esse exercício que se procurou fazer, pois sem conhecer essas possibilidades teóricas (e seus limites), bem como as formas de se fazer História, o pesquisador acaba não sendo agente de sua escolha; ele termina sendo tolhido e moldado por seus instrumentos de pesquisa. Ademais, sem o devido conhecimento teórico-metodológico e sem uma escolha apropriada de tal conhecimento, os resultados dos trabalhos de pesquisa acabam por ter características amorfas e, muitas vezes, contraditórias – ou próximos do senso comum.

Cumpre reiterar que a análise desenvolvida neste trabalho não teve o intento, conforme defendia Marc Bloch (1997), de descartar ou condenar uma ou outra matriz explicativa. Ao contrário, visou-se, especialmente, valorizá-las e compreendê-las criticamente, à luz de seu tempo e das possibilidades teórico-metodológicas vigentes, sem deixar de lado o apontamento relativo às suas inconsistências.

Esse exercício pode contribuir chamando a atenção para a importância de nos posicionarmos com maior consciência diante das variedades teórico-metodológicas (e mesmo ideológicas) existentes. Assim, o pesquisador, seja ele interessado em quaisquer temas, estará se preparando para assumir uma posição reflexiva em relação à produção atual e poderá estabelecer um diálogo, uma relação que é, ao mesmo tempo, crítica e de aprendizado com as matrizes fundadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Guerra e paz: *Casa-grande & senzala* e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- BARROS, José D'Assunção. *O campo da história – especialidades e abordagens*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. História Comparada - um novo modo de ver e fazer a História. Rio de Janeiro, *Revista de História Comparada*, v. 1, n. 1, jun. 2007. Disponível em: www.hcomparada.ifcs.ufrj.br. Acesso em: 04 jun. 2014, às 22h12min.
- BASTOS, Elide Rugai; BASTOS, Elide Rugai. Gilberto Freyre - *Casa-grande & senzala*. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico. 3ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001, p. 215-233.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BURKE, Peter. *A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia*. São Paulo: UNESP, 1997.
- BURKE, Peter. A cultura material na obra de Gilberto Freyre. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *O imperador das Idéias*. Gilberto Freyre em questão. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001. p. 55-70.
- _____. *História e Teoria Social*. São Paulo: UNESP, 2002.
- _____. *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CARR, E. H. *O que é história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Editora Campus (Elsevier), 1997.
- CARDOSO, Fernando Henrique. Um livro perene. In: FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006. p. 19-28.
- CASTRO, Hebe M. M. de. *Das cores do silêncio* (os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, século XIX). Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.
- DARNTON, Robert. História das Mentalidades. O caso do olho errante. In: DARNTON, Robert. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 225-255.
- DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor; Editora UFRJ, 1993.

- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 51ª ed. São Paulo: Global, 2006.
- IUMATTI, Paulo Teixeira. Caio Prado Jr. *Uma trajetória intelectual*. São Paulo: Brasiliense, 2007. p. 9-124.
- JENKINS, Keith. *A História repensada*. São Paulo: Contexto, 2001.
- LAPA, José Roberto do Amaral. Caio Prado Júnior – *Formação do Brasil Contemporâneo*. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*. 3ª ed. São Paulo: Editora SENAC, 2001. p. 257-272.
- LEPETIT, Bernard. Sobre a escala na história. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 77-102.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- LEVI, Giovanni. Sobre a Micro-história. In: BURKE, Peter. *A escrita da História*. São Paulo: Unesp, 1992. p. 133-161.
- MACHADO, Maria Helena P. T. Em Torno da Autonomia Escrava: Uma Nova Direção Para a História Social da Escravidão. São Paulo, *Revista Brasileira de História* v 8, n. 16, p. 143-160, mar./ago. 1988.
- MALERBA, Jurandir (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- MELLO, Evaldo Cabral de. O 'ovo de Colombo' gilbertiano. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO; Rosa Maria Barboza de. *O imperador das Idéias*. Gilberto Freyre em questão. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001. p. 17-31.
- NICOLAZZI, Fernando. *Um estilo de história: a viagem, a memória, o ensaio*. Sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado. (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/13823>. Acesso em: 15 ago. 2014, às 09h e 47min. p. 35-115.
- PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. Um método antimetódico: Werner Heisenberg e Gilberto Freyre. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *O imperador das Idéias*. Gilberto Freyre em questão. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001. p. 32-45.
- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. 15ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1977.

- QUEIRÓZ, Suely Robles Reis de. Escravidão negra em debate. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.
- RÊGO, Rubem Murilo Leão. Caio Prado Jr.: sentimento do Brasil. São Paulo, *Revista USP* (38), p. 78-87, jun.-ago. 1998.
- REIS, José Carlos. História da História (1950/60) - História e Estruturalismo: Braudel versus Lévi-Strauss. *Revista história da historiografia*, n. 01, ago. 2008.
- REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: REVEL, Jacques (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1998. p. 15-38.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão social no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SCHWARTZ, Stuart. Gilberto Freyre e a História Colonial: Uma Visão Otimista do Brasil. In: FALCÃO, Joaquim; ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *O imperador das Idéias*. Gilberto Freyre em questão. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001. p. 101-117.
- SILVA, Alberto da Costa e. Quem fomos nós no século XX: as grandes interpretações do Brasil. In: MOTA, Carlos Guilherme. *Viagem incompleta. A experiência brasileira (1500-2000): a grande transação*. 2ª ed. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000. p. 15-41.
- SLENES, R. W. Na senzala, uma flor. *Esperanças e recordações na formação da família escrava* (Brasil Sudeste, Século XIX). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.
- VAINFAS, Ronaldo. Colonização, Miscigenação e questão racial: notas sobre equívocos e tabus da historiografia brasileira. Niterói, *Revista Tempo*, v. 8, p. 7-22, 1999.
- WEHLING, Arno. Historiografia e Epistemologia histórica. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006.
- WOOD, Ellen M. Sociedade Civil e Política de Identidades. In: WOOD, Ellen M. *Democracia contra o Capitalismo: a renovação do materialismo histórico*. São Paulo: Boitempo, 1995.

RESUMO

A proposta central deste artigo é analisar, comparativamente, elementos importantes concernentes às teses de dois dos principais intelectuais brasileiros que estudaram a formação do Brasil, e abordaram tanto o tema da escravidão como o do papel do negro na nossa sociedade: Gilberto Freyre e Caio Prado Júnior. A metodologia empregada contempla a hermenêutica textual, com privilégio para a compreensão das teses dos autores sob o ponto de vista do seu contexto e dos referenciais teóricos de cada um. O objetivo principal é analisar em que medida os referenciais teóricos, o contexto de produção e a posição político-ideológica dos autores contribuíram para a formação de suas teses. Ademais, aponta fatores positivos e algumas críticas às obras analisadas. Como consequência, oferece tanto uma forma de compreender tais obras, como dar uma contribuição teórico-metodológica que possa cooperar com pesquisas relacionadas à historiografia.

Palavras-chave: Historiografia, metodologia, Teoria da História, Escravidão no Brasil.

ABSTRACT | GILBERTO FREYRE AND CAIO PRADO JÚNIOR: A FOCUSED COMPARATIVE ANALYSIS IN THE CONTEXT OF PRODUCTION AND THEORETICAL REFERENCES OF THESE AUTHORS

The central proposal of this article is to compare analytically important elements concerning of two of the leading Brazilian intellectuals who studied the formation of Brazil and addressed both the issue of slavery as the role of black in our society: Gilberto Freyre and Caio Prado Junior. The methodology includes textual hermeneutics, with privilege to understanding the thesis of the authors from the point of view of each one context and theoretical references. The main objective is to analyze how the theoretical framework, the context of production and the political-ideological position of the authors contributed to the formation of his thesis. Furthermore, it shows positive factors and some criticism about the analyzed works. As a result, it offers both a

way of understanding such works as giving a theoretical and methodological contribution that can cooperate with research related to historiography.

Keywords: Historiography, methodology, Theory of History, Slavery in Brazil.

RESUMEN | GILBERTO FREYRE E CAIO PRADO JÚNIOR: UN ANÁLISIS COMPARATIVO CENTRADO EN EL CONTEXTO DE REFERENCIAS DE PRODUCCIÓN Y TEÓRICOS DE AUTORES

La propuesta central de este trabajo es analizar comparativamente los elementos importantes relacionados con las tesis de dos de los principales intelectuales brasileños que estudiaron la formación de Brasil y, por tanto, abordaron tanto la cuestión de la esclavitud y el papel de negro en nuestra sociedad: Gilberto Freyre y Caio Prado junior. La metodología incluye la hermenéutica textual, privilegiando la comprensión de las tesis de los autores desde el punto de vista del contexto y las referencias teóricas para cada uno. El objetivo principal es analizar en qué medida el marco teórico, el contexto de la producción y la posición político-ideológico de los autores contribuyeron a la formación de sus tesis. Además, nuestro objetivo es poner de relieve algunas críticas de las obras en cuestión. Como resultado, tenemos la intención de ofrecer a la vez una forma de entender este tipo de obras, la forma de dar una contribución teórica y metodológica que puede cooperar con la investigación relacionada con la historiografía

Palabras clave: Historiografía, metodología, Teoría de la Historia, La esclavitud en Brasil.